

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA

LARISSA STEFANE POLETO

**LITERATURA INFANTIL: VELHO E VELHICE NA OBRA DE
MONTEIRO LOBATO.**

MARINGÁ
2013

LARISSA STEFANE POLETO

**LITERATURA INFANTIL: VELHO E VELHICE NA OBRA DE
MONTEIRO LOBATO**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Maringá, como
requisito parcial para obtenção do grau de
licenciado em pedagogia.

Orientador (a): Prof^a Dra. Maria Cristina Gomes
Machado.

MARINGÁ

2013

LARISSA STEFANE POLETO

**LITERATURA INFANTIL: VELHO E VELHICE NA OBRA DE MONTEIRO
LOBATO**

Artigo apresentado à Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para obtenção do título de Pedagoga, sob a orientação da Professora Doutora Maria Cristina Gomes Machado.

Aprovado em: 05/11/2013

BANCA EXAMINADORA

Prof^aDr^a Maria Cristina Gomes Machado

(Universidade Estadual de Maringá)

Prof^a RosileneLima

(Universidade Estadual de Maringá)

Prof^a Ligiane Aparecida da Silva

(Universidade Estadual de Maringá)

LITERATURA INFANTIL: VELHO E VELHICE NA OBRA DE MONTEIRO LOBATO

Larissa StefanePoletto¹

Maria Cristina Gomes Machado²

Resumo: Este trabalho tem como objeto de estudo a literatura infantil e a concepção de velho e velhice expressa na obra de Monteiro Lobato (1882-1948). Objetiva-se investigar como o velho é representado pelo autor e as noções de velhice veiculadas para os/as leitores/as, sobretudo para as crianças que têm acesso à obra lobatiana, em particular, nos livros “Serões de Dona Benta”, “História das Invenções” e “Geografia de Dona Benta”, publicados no Brasil na primeira metade do século XX. Em sua obra Monteiro Lobato atribui destaque a figura do velho, respeitando sua sabedoria e memória e tratando-o como conhecedor da cultura brasileira. Como metodologia, adotamos a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, sendo desenvolvida por meio da análise de obras relacionadas à literatura infantil. Desse modo, as considerações traçadas com a pesquisa, provocam reflexões acerca da importância da figura do velho na sociedade e sua contribuição para com a formação humana omnilateral no início do século XX.

Palavras-chave: Monteiro Lobato; Literatura Infantil; Velho; Velhice.

Abstract: Children’s Literature: The elderly and old age in the works of MonteiroLobato. This paper haschildren’s Literature and the concept of the elderly and old age in the works of MonteiroLobato (1882-1948) as an object of analyses. The three books titled *Serões de Dona Benta*, *História das Invenções* and *Geografia de Dona Benta*, published during the first half of the 20th century, are investigated to perceive hou notions on the elderly and old age transmitted the readers and especially to children. MonteiroLobato’s literary works displays the elderly characters with their wisdom and memory and, above all, their expertise in Brazilian culture and lore. Qualitative bibliographical research was undertaken and developed through the analyses of documents and works related to Children’s Literature. Results show the importance of the elderly in Brazilian society and their contribution for a plurilateral human formation.

Keywords: MonteiroLobato; Children’s Literature; Elderly people; Old Age.

¹Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá.

² Professora orientadora do presente trabalho, lotada no Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Estadual de Maringá. mcgmachado@uem.br

INTRODUÇÃO

O estudo tem como objetivo compreender a concepção de velho e velhice expressa na obra de Monteiro Lobato (1882-1948), mais especificamente nos livros “Serões de Dona Benta” (1937), “Histórias das Invenções” (1935) e “Geografia de Dona Benta” (1935). Buscamos explicitar como a figura do velho é representada nas histórias de Lobato, primordialmente nos livros selecionados. Desta forma almejamos enfatizar as relações entre as concepções de velho e velhice retratadas pelo autor.

Monteiro Lobato nasceu em 1882, na cidade de Taubaté, no interior de São Paulo. Teve seus primeiros contos publicados em jornais e revistas, tornando-se editor de livros no Brasil. Com uma extensa produção literária entre livros, crônicas, poemas e artigos, dedicou-se a formação de uma escrita com uma linguagem simples voltada, especialmente, para as crianças. Lobato foi o pioneiro de uma literatura infantil brasileira, deixando de lado os moldes e modelos da literatura infantil européia. Uma de suas obras de maior repercussão foi a coleção “Sítio do Pica-Pau Amarelo”, escrita por volta dos anos de 1920 – 1944, que ganhou grande destaque no mundo literário (MARTINELI, 2011).

Como problematização, indagamos sobre como Monteiro Lobato retrata o velho em sua obra de literatura infantil? Como uma pessoa sábia? Seus personagens, tais como Dona Benta e Tia Nastácia, sempre aparecem com uma novidade para contar, transmitindo ensinamentos, seja por experiência ou sabedoria? Pela leitura percebemos que Dona Benta tem lugar de destaque nessa perspectiva por ser uma exímia contadora de histórias, tendo, mesmo que indiretamente, a função de educadora. Em suas histórias sempre ensina algo aos netos, seja de geografia, física, ortografia, gramática ou astronomia, procurando tirar todas as dúvidas que eles possam ter, sem deixar de lado a importância da leitura. Contudo esse pressuposto precisa de estudos mais aprofundados.

A relevância deste trabalho está no fato de que não foram encontrados muitos estudos realizados e disponíveis sobre esse tema. Faz-se necessário então que esta pesquisa seja realizada para que haja a possibilidade de analisar as concepções de velho e velhice inseridas na literatura infantil no início do século XX.

O interesse por esse tema surgiu por meio da leitura de alguns documentos sobre Monteiro Lobato, dos quais destaco a monografia de Vieira (2005), intitulada “A atuação da personagem Emília na obra de Monteiro Lobato: Memórias da Emília” e a monografia de Martineli (2011), sob o título “Monteiro Lobato e a educação: O Ideário pedagógico expresso

na personagem Dona Benta”, além da leitura de alguns livros de Monteiro Lobato, como “Reinações de Narizinho” (1931), “Emília no País da Gramática” (1934) e “Serões de Dona Benta” (1937). Esta última chamou mais atenção por trazer diversas explicações sobre física e astronomia, sem deixar de destacar a representação do velho nas histórias, sendo retratado sempre como detentor de vasta sabedoria.

O trabalho é desenvolvido na forma de pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, por meio da análise de documentos, tomando como referências primárias os livros “Geografia de Dona Benta” (1935), “Serões de Dona Benta” (1937) e “Histórias das Invenções” (1937), na tentativa de nos aproximarmos da compreensão da concepção de velho e velhice expressa na obra de Monteiro Lobato. Sua estrutura está dividida em dois tópicos: no primeiro momento, fazemos um breve levantamento da vida de Monteiro Lobato, destacando o período em que iniciou sua produção direcionada ao público infantil e, por último, explicitamos a análise proposta tendo como base as obras selecionadas.

MONTEIRO LOBATO VIDA E OBRA: A LITERATURA INFANTIL COMO FOCO

Monteiro Lobato percorreu um vasto caminho até o momento em que inicia sua produção literária voltada para as crianças, com o objetivo de ensinar e divertir o leitor:

[...] Lobato, ao mesmo tempo em que aproximava o leitor-mirim ao ludismo e a uma fantasia sem limites, aproximava-o da realidade [...] o trazia para o conhecimento dos mais diversos assuntos, por meio da maneira que é própria da criança de descobrir e de se relacionar com a vida e o mundo, ou seja, pela imaginação. (FERNANDES; NEGRÃO, 2007, p.148).

Em sua biografia, podemos destacar que, José Renato Monteiro Lobato nasceu no dia 18 de abril de 1882 no município de Taubaté. Foi com sua mãe Olímpia Augusta Monteiro Lobato que aprendeu as primeiras letras por volta dos cinco anos de idade. Já alfabetizado contou com o professor particular Joviano Barbosa até entrar para escola. Foram muitos os colégios frequentados que abriram e fecharam em Taubaté por motivos diversos, até sua transferência para São Paulo para tentar a admissão no Instituto de Ciências e Letras.

Em 1895, com treze anos, Lobato resolveu prestar exames em São Paulo, sendo reprovado na primeira tentativa no exame de Português para ingresso na Faculdade de Direito. Por isso, passou “[...] o ano de 1896 grudado nos livros, procurando assenhorear-se das matérias, a fim de que vergonha tão grande como aquela não se repetisse nunca mais.”

(CAVALHEIRO, 1956, p.37). Retornou ao colégio Coração de Jesus em Taubaté, passando a escrever para o jornalzinho do colégio chamado “O Guarani”. Suas crônicas e pequenas resenhas para esse jornal colegial se tornaram suas primeiras produções. Frequentou assiduamente a biblioteca do avô, o Visconde de Tremembé, até dezembro de 1896 quando retornou a São Paulo para prestar novos exames. Foi, então, aprovado em todos, se matriculando no Instituto de Ciências e Letras.

No ano de 1898, após falecimento de seus pais, Lobato e suas duas irmãs Ester e Judite, ficaram órfãs. A partir de então foi seu avô que se responsabilizou por sua tutela e de suas irmãs. Já com dezoito anos e chegando a hora de decidir a carreira a seguir, surgiu o primeiro conflito sério com seu avô. Para o Visconde não teria alternativa melhor de carreira a seguir a não ser o bacharel em Direito, porém Lobato insistiu na Escola de Belas Artes, pois queria ser pintor. Sem obter êxito e em obediência a seu avô, partiu para estudar na Faculdade do Largo de São Francisco no começo do século. Porém o Direito não o interessava. O que realmente era de seu interesse era a literatura.

Tornou-se doutor recebendo “[...] o grau de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais em dezembro de 1904, completando o lustro acadêmico com o mesmo desinteresse inicial pelos estudos.” (CAVALHEIRO, 1956, p.103). Lobato voltou a Taubaté, onde o esperavam com grande festa. Sentia-se entediado, pois saíra da vida de estudante da grande São Paulo para a cidade de interior. Lobato estava com vinte e dois anos era neto de Visconde, sendo visto como figura importante na cidade: “[...] jovem e solteiro; herdeiro certo de grande fortuna; moço culto; literato, que escreve nos jornais. Não haveria melhor partido para as moças casadoiras de Taubaté [...]” (CAVALHEIRO, 1956, p.111). Alguns namoricos logo surgem, até que conhece a jovem Maria Pureza, em 1906, com quem ficou noivo e como todo apaixonado, escrevia poemas de amor e os publicava no Jornal de Taubaté.

Com a proximidade do casamento começou a se preocupar em sustentar sua família e conseguiu em março de 1907 um cargo de Promotor Público da Comarca da cidade de Areias, apesar de almejar cargo público em Ribeirão Preto. Na cidade de Areias, porém não tinha muito que fazer. A monotonia do lugar o deixava desolado, então Lobato procurou distrações, tentando advogar: conseguiu uma causa que se tornou a primeira e única de sua vida de bacharel. (CAVALHEIRO, 1956). Casou-se no dia 28 de março de 1908 com Maria Pureza e permaneceu em Areias até o ano de 1911.

Durante dois anos o casal residiu na cidade. Neste período Lobato, “[...] escreve algumas histórias, colabora em jornais do interior, lê muito [...] e [...] para encher os dias de

ócio, trabalha em carpinteiragem, fazendo móveis, coisas da casa, toscas mais bonitas.” (CAVALHEIRO, 1956, p.133). Por conta do trabalho de carpintaria por longo tempo, afastou-se da leitura e da escrita.

Com tempo livre e poucos afazeres de seu cargo de promotor da cidade, no fim do ano de 1908, Lobato descobriu nova fonte de renda, assinou o jornal “*Weekly Times*”, e sempre que podia traduzia algo de interessante encontrado nele e enviava para o jornal “Estado de São Paulo.” (CAVALHEIRO, 1956). Em março do mesmo ano nasceu sua primeira filha e Lobato se preocupa cada vez mais em ganhar dinheiro, seguiu buscando caminhos longe daquela cidade monótona.

Em maio do mesmo ano em Areias, escreveu o que considerou seu primeiro conto “Bocatorra” o qual enviou para seu amigo Rangel pedindo sua opinião. Após correção e convidado a colaborar na tribuna de Santos resolveu publicá-lo (CAVALHEIRO, 1956). Começou assim,

[...] a trabalhar em “Os Faroleiros”, envia artigos políticos para Santos, remete desenhos e caricaturas que o “Fon-Fon”, do Rio, publica. E não contente, traduz bastante do “*Weekly Times*”, pinta projetos de cartazes para um concurso, ao qual, arrojadamente concorre. (CAVALHEIRO, 1956, p.135).

Neste período Lobato começou a se tornar um escritor conhecido. O jornal Gazeta de Notícias do Rio aceitou suas colaborações. Porém não estava contente, pois havia se cansado da monotonia da vida da cidadezinha e desejava ganhar dinheiro, sair de Areias. Contudo sua vida mudou ao receber uma trágica notícia: seu avô o Visconde de Tremembé havia falecido na cidade de Taubaté.

A morte de seu avô ocasionou diversas mudanças em sua vida, pois ele tornou-se proprietário de terras, casas, fazendas, diversos bens herdados de seu avô. Os bens herdados foram divididos entre ele e suas irmãs. Na divisão dos bens, Lobato ficou com a fazenda, tornando-se fazendeiro e deixando de lado a vida literária. Dedicou-se a cuidar da fazenda, cujo seu principal objetivo era tornar suas terras rentáveis, importando cabras, galinhas e porcos, plantando café, feijão, arroz e milho, cruzando raças diferentes de galinhas para obter uma nova espécie. Contudo todo esse processo não alcançou o resultado esperado e a fazenda entrou em decadência.

Lobato começou a passar por apertos financeiros, pois “[...] todos os projetos esbarravam nas dificuldades econômicas, nas eternas aperturas financeiras. A Grande Guerra

que instalara em 1914, tornava a vida muito difícil, não só pelas restrições de crédito, como pela irregularidade das exportações.” (CAVALHEIRO, 1956, p.149). Pouco tempo depois seu único objetivo era vender a fazenda, mas esta não foi uma tarefa fácil. Suas terras estavam muito danificadas e o preço do café caía com frequência, tudo se tornava mais difícil.

Não bastasse toda dificuldade, Lobato se desentendeu com um de seus empregados por conta das constantes queimadas que estavam acontecendo. “Impossibilitado de agir contra os incendiários, [...] limitou-se a despedir alguns que eram seus agregados, a remoer impropérios e a escrever violento protesto dirigido à seção de “Queixas e Reclamações” de “O Estado de São Paulo”.” (CAVALHEIRO, 1956, p.151). Publicado em 12 de novembro de 1914, o protesto intitulado, “Velha Praga” (1914) ganhou destaque e repercussão no jornal, tornando-o famoso. (MARTINELLI, 2011).

Algum tempo depois no mesmo jornal, publicou “Urupês” (1914), artigo que mais adiante se tornaria um livro. Ao se dirigir aos “queimadores” de mato, Lobato denomina-os de Jeca Tatu, criando um símbolo no qual direcionava toda sua indignação a respeito dos acontecimentos. Porém, Lobato não chegou ao Jeca Tatu de uma hora para outra. Foi longo o processo até a formulação da figura que eternizou “Urupês”. (CAVALHEIRO, 1956). O Jeca Tatu seria a representação dos trabalhadores da fazenda. Lobato descreveu o personagem

[...] como seres que resistiam a qualquer mudança e que até mesmo seus movimentos corporais e a postura de cócoras mostravam sua resignação e submissão; não falavam; não cantavam; não riam; suas casas eram simples devido a sua preguiça e, sendo assim, sua rotina era insossa. (MARTINELLI, 2011, p.19).

Os anos passaram e Lobato continuava sentindo-se frustrado. Entre críticas e elogios foi criando seu personagem, considerado por ele como seu inimigo, pois o julgava culpado por seu fracasso como fazendeiro. Acreditava, portanto que só lhe restava um caminho: vender a fazenda e se mudar para a cidade. Começou então sua caminhada até a venda da propriedade. (CAVALHEIRO, 1956).

Em meados de 1915 foi a São Paulo e o jornal “O Estado de São Paulo” propunha pagar mais pelos seus artigos, tornou-se colaborador de diversas revistas e jornais, tais como: “O Povo”, “Fon-Fon”, “A Cigarra”, “A Bomba”, entre outros. Neste ano não conseguiu êxito na venda de sua fazenda. Foi somente no ano de 1917 que vendeu a propriedade. Após a venda, Lobato se mudou com sua família para a cidade de São Paulo na qual comprou a

Revista do Brasil, em 1918, assumindo o cargo de diretor. A revista era considerada na época como o mais importante veículo de informação e cultura do País.

Lobato continuou a colaborar com o jornal “O Estado de São Paulo”, com seus contos conseguiu vários admiradores. Em julho de 1918 lançou seu livro chamado “Urupês” esgotando-se um mês depois de seu lançamento. Houve grande polêmica em torno do livro, uma vez que neste momento o Brasil passava por grandes problemas. O mais grave deles era à questão do saneamento do país, que tornou a figura do Jeca Tatu o melhor exemplo para tal problema. (CAVALHEIRO, 1956).

A campanha de saneamento e o lançamento do livro popularizaram a figura de Monteiro Lobato que resolveu tornar seu sonho de ter uma editora realidade. Com a compra da Revista do Brasil, Lobato deu início a uma revolução editorial no país buscando tornar o livro uma mercadoria acessível a todos, pois até então este era tido como artigo de luxo, sendo vendido em poucas livrarias e com um alto valor. Lobato resolveu aumentar a distribuição dos livros.

No Brasil, nos primeiros quartéis do século 20, havia somente trinta e poucas livrarias. Frente a este pequeno número de livrarias, Lobato resolve ampliar os locais de venda e, para isso, fez uma revolução em grande escala enviando cartas a aproximadamente 1200 estabelecimentos comerciais propondo que aceitassem os livros por consignação. (FERNANDES; NEGRÃO, 2007, p.149).

Além de ampliar a distribuição dos livros, Lobato inovou também os aspectos gráficos, alterando o tipo de letra, de papel, de capa e de ilustração que até então não eram utilizadas nos livros, cuidava pessoalmente da apresentação e edição dos livros. (FERNANDES; NEGRÃO, 2007). A editora fez grande sucesso e neste momento Lobato decidiu ampliar seu negócio, mudando a editora de lugar e se dedicando ao livro didático, até que em julho de 1924 iniciou na capital paulista a revolução dos Tenentes, cessando todas as atividades da editora por um mês, causando grandes prejuízos. Logo após houve inesperada seca, ocasionando no corte de fornecimento de energia. Em junho de 1925 só podiam trabalhar dois dias por semana. Com esses acontecimentos e muitos outros enfrentados, a editora de Lobato decretou falência em julho de 1925. Contudo Lobato abriu outra pequena empresa, a Companhia Editora Nacional, na qual publicou inúmeros trabalhos tais como: “A negrinha”, “Narizinho Arrebitado”, “O Saci”, entre outros. (CAVALHEIRO, 1956). Foi nesse momento que Lobato se dedicou a elaboração da literatura infantil.

A literatura infantil brasileira nasceu no fim do século XIX obtendo mais força no início do século XX. Naquele período, a circulação de livros infantis no país ainda era precária. Apareciam somente representados por edições portuguesas e só aos poucos começaram a surgir em traduções nacionais, se consolidando mais precisamente no período da Proclamação da República. Este momento era

[...] propício ao aparecimento da literatura infantil. Gestam-se aí as massas urbanas que, além de consumidoras de produtos industrializados, vão constituindo os diferentes públicos, para os quais se destinam os diversos tipos de publicações feitos por aqui: as sofisticadas revistas femininas, os romances ligeiros, o material escolar, os livros para as crianças. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 24).

Foi naquele contexto que começaram os primeiros esforços para a formação da literatura infantil brasileira. As cidades estavam cada vez mais populosas e desenvolvidas e as classes sociais se definindo. Contudo, tinha-se a preocupação com a carência de material adequado para as crianças, que até o momento contavam apenas com adaptações e traduções dos livros europeus.

Nos primeiros quartéis do século 20, a literatura infantil brasileira era sinônima de lendas e tradições da literatura infantil européia, quase sempre de autores franceses, traduzidos e publicados no Brasil. A literatura infantil existente no Brasil, portanto, mantinha-se como na tradição europeia, veiculada aos preceitos morais, cívicos e religiosos, numa visão conservadora da infância, apresentando personagens esquemáticos – modelos e padrões rígidos de comportamento. (FERNANDES; NEGRÃO, 2007, p.147).

Essa concepção só muda com Monteiro Lobato. Como autor de grande destaque, seu objetivo não é o de valer-se da literatura de forma utilitária, mas sim desenvolver o lado crítico do leitor, assim como sua capacidade de ver o mundo e questioná-lo. Foi somente depois da publicação da história de “A Menina do Narizinho Arrebitado” que a literatura brasileira toma nova forma. Lobato se tornou modelo para os outros escritores que até então eram desconhecidos, impulsionando o mercado editorial. Conforme Coelho (1985, p.183),

A literatura infantil praticamente não existia entre nós. Antes de Monteiro Lobato havia somente o conto com fundo folclórico. Nossos escritores extraíam dos vetustos fabulários o tema e a moralidade das engenhosas narrativas que deslumbraram e enterneceram as crianças das antigas gerações, desprezando, frequentemente, as lendas e traduções européias [...].

Monteiro Lobato foi o autor responsável por recriar a literatura infantil brasileira, “[...] adaptando-a ao público brasileiro tanto na linguagem quanto na maneira que lhe servia de tema, isto é, a linguagem, os personagens, os ambientes e as situações das histórias recebiam uma tintura bem nacional.” (FERNANDES; NEGRÃO, 2007, p.147). Em suas obras fica clara sua preocupação em informar e educar. É possível constatar essa afirmação em diversas obras do autor. Sua participação no mundo das histórias infantis iniciou-se quando Lobato

[...] ouviu de Hilário Tácito a aventura de um peixe que morreu afogado, pois desprendeu a nadar. “A história do peixe que morreu afogado” foi um pequeno conto, mais tarde desenvolvido, reestruturado e lançado em 1921 como “A menina do nariz arrebitado” [...]. (MARTINELI; MACHADO, 2012, p.9).

O livro foi o primeiro de sua série infantil a ser lançado, sendo introduzido nas escolas como livro de leitura. Lobato publicou outras aventuras de Narizinho, tais como, “Fábulas de Narizinho” (1921), “Narizinho Arrebitado” (1921), “O Noivado de Narizinho” (1924), “Reinações de Narizinho” (1931) e “Novas Reinações de Narizinho” (1933). Seus personagens Dona Benta, Narizinho, Emília, Tia Nastácia, Pedrinho e o Visconde são os que até hoje fazem sucesso. Desta forma, Lobato entra em uma nova fase, a fase da literatura infantil. Ele não se dera conta, mas estava criando a literatura infantil brasileira.

Para Lobato, a história deveria ser contada sob o ponto de vista da criança, de forma que, além de ensinar e divertir interessasse o leitor. Em suas obras, Lobato “[...] adota uma postura criativa na maneira de tratar as crianças. Ele as respeita. Não as considera como pequenos idiotas, mas ensina a partir das possibilidades de compreensão que elas têm.” (MACHADO, 1993, p.154).

Monteiro Lobato revolucionou a literatura infantil brasileira, deixando de lado suas características vindas da literatura européia: “[...] a literatura lobatiana valorizava os traços orais da linguagem, incorporando os coloquialismos e brasileirismos típicos da fala popular do país [...]” (FERNANDES; NEGRÃO, 2007, p. 148). O objetivo de Lobato era o de formar seres pensantes e modificadores de sua realidade. Deste modo, acreditava “[...] na educação para resolver os problemas sócio-político-econômicos do país, [...] depositava nas crianças a expectativa de mudanças.” (FERNANDES; NEGRÃO, 2007, p.148).

Lobato foi então convidado a ser Adido Comercial brasileiro em Nova York e para lá seguiu com sua família em 1927. Logo se sentiu americanizado e começou a se corresponder com seus amigos relatando suas impressões acerca do país. Permaneceu por lá durante quatro

anos, “[...] e o que faz neste período é ver e comparar - ver de perto o progresso americano e compará-lo com a lentidão do nosso desenvolvimento econômico”. (CAVALHEIRO, 1956, p.334).

Lobato ao “[...] comparar a riqueza norte-americana com a pobreza do Brasil, percebeu que a industrialização era a responsável pelo desenvolvimento dos Estados Unidos. E que para um país se industrializar era preciso ferro e petróleo.” (CARVALHO JR, 2012, p.2). O que faltava ao Brasil para ser tornar um país rico e, conseqüentemente, industrializado, era o ferro e o petróleo, defendia Lobato.

Desta forma começou a promover campanhas para industrialização do país. Sua primeira campanha foi em prol da indústria siderúrgica, porém o governo não deu muita importância ao seu projeto, o que fez com que Lobato deixasse a questão do ferro em segundo plano, passando a se dedicar ao petróleo, sob o argumento de que o petróleo traria os recursos necessários para a exploração do ferro. (CARVALHO JR, 2012).

Em 1931 Lobato lançou nova campanha, desta vez em prol do petróleo. Fundou a Companhia Petróleos do Brasil, cujo objetivo foi o de “[...] convencer a população e os governantes da existência de petróleo no país e a necessidade de explorá-lo para nos transformamos em uma nação desenvolvida.” (CARVALHO JR, 2012, p.4). Sua experiência com ferro fez com que Lobato não contasse mais com a ajuda do Estado. Desta forma, buscou apoio da iniciativa privada. Houve grande polêmica em torno da existência ou não de petróleo no país. Muitos foram os debates nos meios políticos e econômicos sobre a questão, até que Lobato percebe que era o fim das companhias privadas. Como forma de tentar resistir, Lobato passa a enviar cartas às autoridades. Uma delas dirigida a Getúlio Vargas, “[...] serviu de pretexto para que determinassem sua prisão em março de 1941. Sob a acusação de injuriar o Presidente da República, Conselho Nacional do Petróleo e o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM).” (CARVALHO JR, 2012, p.5).

Depois de dois julgamentos Lobato foi condenado a seis meses de prisão, dos quais cumpriu apenas três. Saindo da prisão, desmotivado, Lobato deixou de lado sua luta pelo Petróleo. O autor se dedicou por treze anos a saga do Sítio do Pica-Pau Amarelo em paralelo com suas lutas por um país melhor e por uma terra menos miserável até sua morte em 1948 em seu apartamento na editora. (MARTINELLI, 2011).

Em sua obra encontramos muitas questões a serem investigadas, nesse artigo enfatizamos as concepções de velho e velhice de Monteiro Lobato que podem ser vistas em sua obra infantil.

VELHO E VELHICE NA OBRA DE MONTEIRO LOBATO

Neste momento, buscamos compreender a concepção de velho e velhice transmitida às crianças por meio dos livros, “Serões de Dona Benta”, “História das Invenções” e “Geografia de Dona Benta” de Monteiro Lobato, dando destaque à sabedoria e à memória da velhice. A partir do pressuposto de que velhice está relacionada à sabedoria e as memórias, podemos estabelecer elos com a literatura infantil.

Desde as produções de Monteiro Lobato com os personagens de Dona Benta, Tia Nastácia e Tio Barnabé, as imagens de velhos produzidas pela literatura infantil, faz-nos lembrá-los como contadores de histórias. Constantemente, a imagem de velhice expressa nos livros está enfatizada na memória, na sabedoria e no conhecimento cultural exposto por meio da oralidade. O desejo principal da literatura lobatiana pode ser o de revelação de que a sabedoria da velhice é resultado de sua experiência. (OLIVEIRA, 2011). Porém nos livros analisados, Dona Benta além de contar histórias, apresenta outras qualidades da velhice, tais como, zelo e afeto para com os netos, seriedade nos momentos difíceis, vasto conhecimento, experiência de vida, entre outros, que ao longo do trabalho serão pontuados.

A primeira obra de literatura infantil publicada por Lobato foi o livro, “Reinações de Narizinho”, que tem em sua página de início uma breve apresentação de Dona Benta. Apesar do intuito deste trabalho não ser a análise da obra em questão, faremos uso de uma breve citação para explicar como Lobato descreve as características de sua personagem:

Numa casinha, branca, lá no Sítio do Pica-Pau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se Dona Benta. Quem passa pela estrada e a vê na varanda, de cestinha de costura ao colo e óculos de ouro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando:
 - Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto...
 Mas engana-se. Dona Benta é a mais feliz das avós, por que vive em companhia da mais encantadora das netas [...]. (LOBATO, 1986b, p.5).

Apesar das características pouco convidativas pontuadas por Lobato, Dona Benta não era essa avó triste e solitária como quem a vê sentada em sua varanda. Ela contava com a companhia de sua neta Narizinho que, pra ela, era a mais bela e encantadora das netas. Lobato nos mostra nessa citação que, para que a felicidade da avó fosse completa, ela teria que ter os netos a sua volta e Dona Benta os tinha. Narizinho estava sempre ao seu lado e Pedrinho a

visitava apenas em suas férias escolares e quando era chegada a hora de ir embora, não sentia entusiasmo algum:

[...] Anda mamãe iludida, pensando que aprendo muita coisa na escola. Puro engano. Tudo quanto sei me foi ensinado por vovó, durante as férias que passo aqui. Só vovó sabe ensinar. Não caceteia, não diz coisas que não entendo. Apesar disso, tenho cada ano, de passar oito meses na escola. Aqui só passo quatro. (LOBATO, 1957, p.199).

Pedrinho não sentia entusiasmo em ir para casa, pois era no sítio de sua avó que vivia suas aventuras de menino e aprendia muito mais do que na escola. Para as crianças, Dona Benta que era a verdadeira professora. Lobato, utilizando a fala da personagem Narizinho, declara aos seus autores um dos principais papéis de Dona Benta nas histórias do “Sítio do Pica Pau Amarelo”. Após Emília dizer muitas asneiras sobre o que era um quilômetro quadrado, Narizinho interrompe a boneca e pede a Emília que “[...] deixe vovó explicar, Emília. A professora é ela, não você.” (LOBATO, 1986a, p.29).

Dona Benta estava sempre ensinando algo aos netos, ensinamentos esses dos mais variados assuntos, tais como: o ar, a água, as máquinas, o solo, a boca, o nariz, a mão, a geografia, entre outros. No livro “Serões de Dona Benta”, a história tem início quando Pedrinho diz: “Sinto uma comichão no cérebro [...]. Quero saber coisas.” (LOBATO, 1986a, p.3). Pedrinho diz ainda que os livros de ciências são muito difíceis de ler e que prefere a ciência contada pela avó. Nas palavras de Pedrinho, “[...] a ciência que gosto é a falada, a contada pela senhora, clarinha com água do pote, com explicações de tudo quanto à gente não sabe, pensa que sabe, ou sabe mal-e-mal.” (LOBATO, 1957, p. 3). Dona Benta começa então a falar sobre as ciências de modo que todos tenham vontade de aprender.

Dona Benta sempre lia seus livros a seu modo³, assim constatamos em sua fala na qual a mesma diz, “[...] este livro não é para crianças, disse ela: mas se eu ler do meu modo, vocês entenderão tudo. Não tenham receio de me interromperem com perguntas, sempre que houver qualquer coisa obscura.” (LOBATO, 1957, p.210). Ao mesmo tempo em que afirma que todos entenderam se ler a seu modo deixa claro que todas e quaisquer perguntas poderão ser respondidas. Nesse sentido, os questionamentos dos netos terão a mesma importância que o

³No livro “Reinações de Narizinho”, Lobato nos mostra como era a leitura à moda de Dona Benta: “A moda de Dona Benta ler era boa. Lia “diferente” dos livros. Como quase todos os livros para crianças que há no Brasil são muito sem graça, cheios de termos do tempo da onça ou só usados em Portugal, a boa velha ia traduzindo aquele português de defunto em língua do Brasil de hoje. Onde estava, por exemplo, “lume”, lia “fogo”, onde estava “lareira” lia “varanda”. E sempre que dava com um “botou-o” ou “comeu-o”, lia “botou ele”, “comeu ele” – e ficava o dobro mais interessante.” (LOBATO, 1986b, p. 194).

conteúdo que está sendo estudado, pois pode acontecer que a pergunta a ser respondida tenha maior valor conceitual do que o conteúdo propriamente dito.

Assim como em “Serões de Dona Benta” e “Histórias das Invenções”, no livro “Geografia de Dona Benta”, a protagonista da história é a velha e boa senhora que com seu amplo conhecimento sobre o mundo e sua experiência de vida trata de ensinar os netos a bordo do “Terror dos Mares”. O livro tem início quando Pedrinho pede que avó fale sobre geografia e como toda boa avó ela atende ao pedido do neto e começa transmitir todo o seu conhecimento sobre o mundo, o espaço, os planetas e sobre a terra, a bordo do navio visitam cada lugarzinho do mundo.

Podemos observar tal afirmação de que Dona Benta atendia aos pedidos dos netos no fragmento a seguir retirado do livro “Serões de Dona Benta”, no qual Narizinho faz um pedido a Dona Benta após suas explicações sobre os ventos, ela responde prontamente.

- Fale dos ciclones, vovó – pediu narizinho. Não tenho a menor ideia desses monstros.

E Dona Benta falou.

- Quando num navio em alto mar o barômetro começa a cair, os oficiais já sabem que a tormenta se aproxima. Diz-se que o barômetro cai, se a coluna de mercúrio desce, indicando abaixamento súbito da pressão atmosférica [...]. (LOBATO, 1957, 125).

Em outro momento Lobato faz menção ao conhecimento e a sabedoria de Dona Benta. Lobato diz ainda que, “Dona Benta estava sempre com livros a mão, pois fazia muita leitura. Ela possuía em casa uma vasta coleção de livros [...]”, além dos que recebia de um livreiro da capital com as novidades sobre ciências, arte e literatura. (MARTINELI; MACHADO 2012, p.24).

Segundo Veloso (2012), os saberes de Dona Benta vinham de obras de grandes filósofos e dos livros que recebia da capital do país, no caso era o Rio de Janeiro. Dona Benta gostava muito de estudar, assim dizia Lobato, “Dona Benta calou-se por uns instantes, pensativa. Era uma danada de estudiosa, aquela velhinha. Entre os seus livros havia um do maior filósofo prático que existiu no mundo, chamado *Kung-Futsze*, cujo nome foi latinizado para *Confúcio*.” (LOBATO, 1986a, p.163).

As leituras de Dona Benta iam desde autores estrangeiros, como Confúcio, até os brasileiros. Destacamos uma passagem na qual Dona Benta cita um trecho de uma poesia de Castro Alves;

– Aquela poesia de Castro Alves, “Vozes d’África”, é bem certa... Este continente parece que nasceu maldito. Além dos desertos, além da malária que assola inúmeras regiões, além da mosca tsé-tsé que propaga o bacilo da terrível doença do sono, caiu sobre ele uma desgraça pior que tudo: a cupidez da civilização europeia... (LOBATO, 1986a, p.204).

Lobato destaca o domínio de Dona Benta sobre a língua inglesa. Ao receber do livreiro da capital o livro “*Child’s history o fthe world*” (História do mundo para as crianças), logo se interessa por ele e começava a lê-lo. O fato de Dona Benta dominar a língua inglesa fica claro quando em “Geografia de Dona Benta”, ela põe todos para praticar o inglês, conforme fragmento a seguir:

Dona Benta fez ver aos meninos que até então tudo havia corrido muito fácil porque estavam em casa e podiam avir-se perfeitamente com língua que falavam. Dali por diante, porém, já de nada valia o brasileiro. Tinham de aprender um pouco de inglês. Que é a língua mais falada no mundo. Iam aos Estados Unidos, ao Canadá, as Índias, ao Japão, etc. Em todos esses países quem fala um pouco de inglês se arruma, mas quem só fala português ou brasileiro está frito. [...] O melhor é ferramos no estudo. Até chegarmos lá vocês já estão falando alguma coisa. (LOBATO, 1986a, p.83).

A partir dessa exposição percebemos que Dona Benta tinha um vasto conhecimento científico. Lobato a apresenta como uma senhora culta, que tinha conhecimento sobre os mais diversos assuntos. Em diversos momentos das obras analisadas percebemos que ela tinha muito a oferecer a seus netos, que os ensinava com muito prazer e amor, era tão claro seu modo de ensinar que não restavam dúvidas quanto aos conteúdos estudados. Narizinho e Pedrinho tinham a convicção de que quando aprendiam com sua avó tudo era mais claro e compreensível. Assim destacamos o trecho de “Geografia de Dona Benta” no qual Narizinho disse que ela entendia melhor as questões quando a avó explicava e Dona Benta responde, “[...] é que só explico o que sei. Muitas criaturas se metem a explicar o que não sabem – e por isso ninguém as entende.” (LOBATO, 1986a, p.10). Em outro trecho de “Serões de Dona Benta”, Lobato nos mostra outro exemplo sobre a clareza de Dona Benta, quando Narizinho diz: “Está claro como água da fonte, vovó – disse a menina. A senhora é um poço artesiano de clareza.” (LOBATO, 1957, p.50).

Em outro momento quando todos discutiam sobre o fogo após horrível notícia sobre o desabamento e incêndio de uma escola causando a morte de muitas crianças. Passaram todo o resto do dia comentando sobre a tragédia e sobre os benefícios que o fogo trouxe para a humanidade. Narizinho não se conforma com tal fúria do fogo até que Dona Benta intervém; “Bom – interveio Dona Benta, de nada adianta falarmos mal do fogo. Preferível estudarmo-lo

e aprendermo-nos os meios de nos defender de sua fúria isto é, não lidava com o fogo, porque conhecer conhecia...” (LOBATO, 1986a, p.106).

O simples fato de Dona Benta intervir em um momento de fúria de sua neta nos leva a compreender sua autonomia a autoridade em lidar com os netos em momentos difíceis e sua compreensão do conteúdo para tal intervenção. Assim como lidou com o esquecimento de seu neto a bordo do “Terror dos Mares”,

Estavam em alto mar. Quindim esquecera-se de descer a âncora, de modo que o brigue – O Terror dos Mares era uma brigue – fora levado pelo vento para muito longe da costa.

– E agora? – veio o imediato perguntar ao Capitão. – Que fazer? O brigue está sem bússola...

– Sem bússola: Onde se viu um navio sem bússola? – Era um esquecimento imperdoável aquele, e se o Capitão não fosse avó do imediato, certamente lhe castigaria a imprevidência. Mas, em vez de castigar o faltoso, apenas disse:

– Não faz mal, Pedrinho. O ar está limpo e vamos ter belo sol. Por ele nos orientaremos. (LOBATO, 1957, p.41-42).

Podemos concluir a partir deste fragmento que a autoridade de Dona Benta não era exercida por meio de castigos. Sua forma de lidar com tal situação estava na conversa, era com uma boa conversa que realizava as devidas correções sobre o comportamento dos netos. Dona Benta era sempre muito clara, paciente e calma em nenhum momento percebemos situações em que ela se altera com os netos.

Em seus momentos de estudo utilizava exemplos do cotidiano para dar forma ao conteúdo, assim como fez com a terrível notícia do incêndio. Além dos exemplos cotidianos Dona Benta fazia uso de atividades de experimentação que tinham como objetivo concretizar o conhecimento obtido. Assim percebemos quando, após experiência com laranjas⁴, Pedrinho volta à sala para contar o resultado. “Dona Benta disse: - Muito bem. Gosto que vocês se convençam por si mesmos. Desse modo o que aprendem fica para sempre gravado na cabeça.” (LOBATO, 1986a, p.25). Podemos considerar que Dona Benta dava liberdade aos netos e que não inibia a capacidade de investigação deles.

Em meio a suas histórias cheias de conteúdo e ensinamentos, Dona Benta transborda sabedoria e seriedade. “Amante das ciências, pedia a participação e seriedade nas ocasiões de estudo e experimentação; nos outros, galopava com as crianças nos cavalos da imaginação.”

⁴Para tirar a dúvida que pairou entre eles quando aprendiam sobre o diâmetro de uma esfera, Pedrinho resolve realizar uma experiência. “Cortou pelo meio várias laranjas e uma grande abóbora bem redondinha. Mediu a circunferência e o diâmetro de todas as “cuias” e achou que era sempre um terço e um tico da circunferência, qualquer que fosse o tamanho das frutas.” (LOBATO, 1986a, p.24).

(VELOSO, 2012, p.10). Apesar de pedir seriedade nos momentos de estudo conforme destaca Veloso (2012), Dona Benta não impedia que a imaginação de seus netos fluísse. “Embora solicitasse aos netos “chega de fantasia” durante a leitura das narrativas, percebe-se que essa avó não inibia a potencialidade criadora dos infantes.” (VELOSO, 2012, p.9). Lobato (1986) escreve:

– Acho ótima a lembrança, Emília – disse Dona Benta. – E eu sigo no comando desse navio. Que nome vai ter?
 – O Terror dos Mares! – gritou a boneca. – Levamos toda gente da casa, Tia Nastácia, Quindim, o Visconde – todos, menos Rabicó. (LOBATO, 1986a, p.33).

Quando Dona Benta aceita a ideia de Emília para que todos subam em um navio imaginário para que possam estudar geografia, Lobato nos mostra que ela aceitava todas as ideias dos netos, até as mais irreais. Dona Benta não só aceitava as “maluquices” dos netos como participava das aventuras, ela era uma avó muito ativa, assim podemos concluir quando Lobato afirma, “bem dizia o compadre Teodorico: “Dona Benta parece velha, mas não é, tem o espírito mais moço que o de muitas jovens de vinte anos”.” (LOBATO, 1957, p.209).

Na obra de Lobato percebemos manifestações de zelo e afeto de Dona Benta com seus netos, assim como em outras obras da literatura infantil essas manifestações se concretizam em cenas nas quais as protagonistas preparam alimentos para os netos, estão sempre dispostas a contar histórias e permitem que os netos sejam livres para que se desenvolvam plenamente. Segundo Silveira e Bonin (2010, p.6), essa imagem “[...] de uma velhice tolerante, amável, dedicada aos netos vincula-se a uma representação da velhice [...], se [...] configura como uma idade de ouro, supostamente vivida sem queixas, sem sofrimento, dentro de um contexto familiar harmonioso”.

Como ocorre em diversos momentos das histórias de Lobato, Pedrinho e Narizinho assim como Emília sempre estão em contato com fatos sobre a história do Brasil, ou com conteúdos de ciências, física, astronomia e muitos outros. O convívio com a avó além de prazeroso se transforma em momentos de constante aprendizado, de forma que com sua forma de ensinar, Dona Benta tornava tudo mais interessante. Assim afirma Narizinho, “[...] não há o que a gente não compreenda quando a senhora explica vovó – observou Narizinho.” (LOBATO, 1957, p.258).

Os netos demonstravam por Dona Benta muito respeito. Ao simples fato de se dirigirem a ela em todos os momentos como “senhora” e ao mesmo tempo da forma de se comportarem diante de sua presença. Compreendemos no trecho em destaque que as crianças

tinham muito respeito à Dona Benta, o que nos leva a perceber que Lobato tinha a ideia de que velhice e respeito deveriam andar juntos.

- Essa ação de presença – disse narizinho – é muito comum na vida. A sua presença, por exemplo, vovó, faz que a criaturas se comportem de outra maneira – sobretudo a Emília. Assim que a senhora sai, ela vira outra.
- E você também – protestou Emília. Você é uma na frente de sua avó e outra longe – pensa que não sei? (LOBATO, 1957, p.19).

As crianças viam Dona Benta como a avó mais sábia do mundo, que ninguém era capaz de vencê-la em uma conversa e que tudo o que quisessem aprender ela teria uma nova história para contar e ensinar. Desta forma Pedrinho diz: “Não, está claro. Só a senhora vale por todos os Elias turcos do mundo. No “barulho”, ele bate na senhora; mas numa discussão, coitado!...”. (LOBATO, 1986a, p.162).

Apesar da grande protagonista dos livros analisados ser o personagem de Dona Benta, não podemos deixar de mencionar Tia Nastácia que mesmo não possuindo um vasto conhecimento científico, tem uma grande memória sobre as histórias do povo. “Tia Nastácia é representada como personagem muito querida pelos leitores das aventuras do sítio, muitos sonham em provar seus bolinhos e pipocas.” (VELOSO, 2012, p.13). Destacamos uma passagem do livro “Geografia de Dona Benta” na qual Narizinho faz elogio sobre os quitutes de Tia Nastácia. “Tia Nastácia é mesmo uma danada! – exclamou Narizinho repetindo o prato. – Que boa ideia teve de descobrir este tal azeite-de-dendê! No começo a gente estranha, mas acaba gostando.” (LOBATO, 1957, p.73).

Tia Nastácia possuía outro tipo de conhecimento que não era o da ciência, mas “[...] dominava a arte da culinária, sabe na prática e não na ciência.” (VELOSO, 2012, p.14). Ela representa nas histórias de Lobato o povo, e conhece ditados populares e as crenças. Ela não possuía conhecimento científico, mas tinha o conhecimento popular. O fato de Lobato dar a ela destaque na história, nos evidencia o fato de que o autor atribuía igual importância a sabedoria popular de Tia Nastácia. Portanto, Lobato enfatiza os conhecimentos científicos e populares como sendo importantes para a construção do conhecimento infantil. As histórias de Tia Nastácia eram contadas tal como ela havia ouvido e aprendido. Segundo Veloso (2012), ela poderia ser percebida como a porta-voz do povo e de suas histórias, em algumas vezes nem sabia explicar aquilo que estava a contar.

Apesar de conhecimentos diferentes Dona Benta e Tia Nastácia cada uma com seu modo de contar histórias tinham sempre muito a ensinar aos meninos. Lobato deixa claro em

sua narrativa o seu o reconhecimento à sabedoria, à memória e ao conhecimento do velho vindo de sua experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho permitiu analisar a concepção de Monteiro Lobato sobre o velho de seu momento histórico. Para Lobato, o velho era detentor de grande conhecimento e sabedoria, percebemos tal afirmação por meio da análise dos livros, nas quais a grande protagonista é Dona Benta, sendo essa apresentada como uma avó ativa, culta e conhecedora dos mais diversos assuntos do mundo. A velhice assim não era sinônimo de perdas e incapacidades, essa idade significava grande sabedoria e experiência. Em suas histórias Dona Benta de tudo sabe um pouco e de tudo já viveu um pouco, ao revisitar suas memórias despertava o interesse de todos.

Lobato foi pioneiro de uma literatura volta especialmente ao público infantil uma vez que obtinha grande interesse e preocupação com o desenvolvimento do Brasil. Desta forma buscava com suas obras desenvolver o lado crítico do leitor para que esse tivesse capacidade de ver o mundo com os outros olhos a fim de questioná-lo, em sua obra é possível identificarmos que um de seus objetivos era o de informar e de educar. Muitas foram suas lutas em busca do desenvolvimento do Brasil, até o momento em que inicia definitivamente sua participação no mundo das histórias infantis, revolucionando a literatura infantil que até então tinha características da literatura europeia.

A avó idealizada por Lobato é um modelo de avó que todos gostariam de ter. Lobato a cria dando destaque ao seu conhecimento, sua cultura e seu modo atencioso de receber e ensinar seus netos. Assim podemos pontuar que para Lobato a velhice e o fato de estar velho significava que quanto mais anos se tem mais experiente e sábio a pessoa se torna, e que velhice é sinônimo de experiência, sabedoria e conhecimento.

REFERÊNCIAS

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: vida e obra**. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1956.

CARVALHO JR, Celso. **Monteiro Lobato e a descoberta de petróleo no Brasil: desafios e possibilidades de estudo**. ANPUH. São Paulo. 2012.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**. São Paulo. Editora Moderna, 2010.

FERNANDES, Hellen Francis. NEGRÃO, Sonia Maria Vieira. **O Pioneirismo de Monteiro Lobato na Literatura infantil brasileira.** Arq. Mudi, 2007. p.145-150.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil Brasileira: histórias e histórias.** 6 ed. São Paulo: Ática, 2007.

LOBATO, Monteiro. **Serões de Dona Benta e História das Invenções.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1957.

LOBATO, Monteiro. **Geografia de Dona Benta.** São Paulo: Circulo do Livro.1986a.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho.** São Paulo: Circulo do Livro. 1986b.

MACHADO, M. C. G. **Reinações de um escritor: Monteiro Lobato.** Dissertação (mestrado em Educação)--Universidade Estadual de Maringá, Dep. de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 1993.

MARTINELLI, Laís Pacifico. **Monteiro Lobato e a Educação: O ideário pedagógico expresso na personagem Dona Benta.** Monografia (graduação em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, 2011.

MARTINELLI, Laís Pacifico. MACHADO, Maria Cristina Gomes. **Monteiro Lobato e o Ideário Escolanovista: A Reconstrução da educação e a Modernização do país.** Maringá: UEM, 2012.

OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo. **Infância e Velhice: memória e literatura.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. BONIN, Iara Tatiana. **Questões de Gênero em representações de “ser velha” na Literatura para Crianças.** Canoas, RS: ULBRA, 2010.

VELOSO, Ana Carolina S. **Dona Benta e Tia Nastácia: Representações de Mulheres nos anos de 1920 – 1930.** João Pessoa, 2012 – Anais Eletrônicos.

VIEIRA, Isabel Cristina. **A atuação da personagem Emília na obra de Monteiro Lobato: Memórias da Emília.** Monografia. Criciúma, 2005.